

# A EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS NO PERÍODO DE 2000 a 2016

Silvia Franco de Oliveira  
Rubens Seung Ho Shin

## RESUMO

Este trabalho busca analisar se há mudança na composição das exportações brasileiras no período de 2000 a 2016. A pesquisa se constitui em uma investigação exploratória e descritiva, utilizando-se de pesquisa bibliográfica e baseando-se em dados secundários. Neste trabalho, é utilizada a base de dados fornecida pelo *The World Bank*. Para apuração dos dados foram utilizados cálculos de estatística descritiva, apresentando os resultados através de gráficos e tabelas. Apesar da evolução, as exportações brasileiras apresentam participação média em torno de 0,97% de tudo que se exporta pelo mundo. O Brasil se mostra uma economia extremamente fechada, ocupando a 214ª posição mundial em 2016 com relação à participação das exportações no PIB (12,5%). A falta de abertura da economia brasileira aumenta o custo de oportunidade, não permitindo melhora nas vantagens comparativas. Apesar do aumento de 11% no número de parceiros, 48% das exportações em 2016 estão concentradas em seis países: China, Estados Unidos, Argentina, Holanda, Alemanha e Japão. Observam-se mudanças quanto à quantidade e valores exportados, porém não há mudanças quanto à diversificação de produtos, uma vez que a maior parte do que se exporta continua sendo os mesmos produtos que em 2000. Nota-se expressivo aumento da demanda na região da Ásia Oriental e Pacífico. O responsável por essa mudança é a demanda da China por matérias-primas. O cenário econômico dos parceiros comerciais faz com que as exportações brasileiras cresçam, provocando mudanças na composição das exportações.

**Palavras-chave:** Comércio Internacional, Composição das Exportações, Competitividade, Vantagens Comparativas.

## 1 INTRODUÇÃO

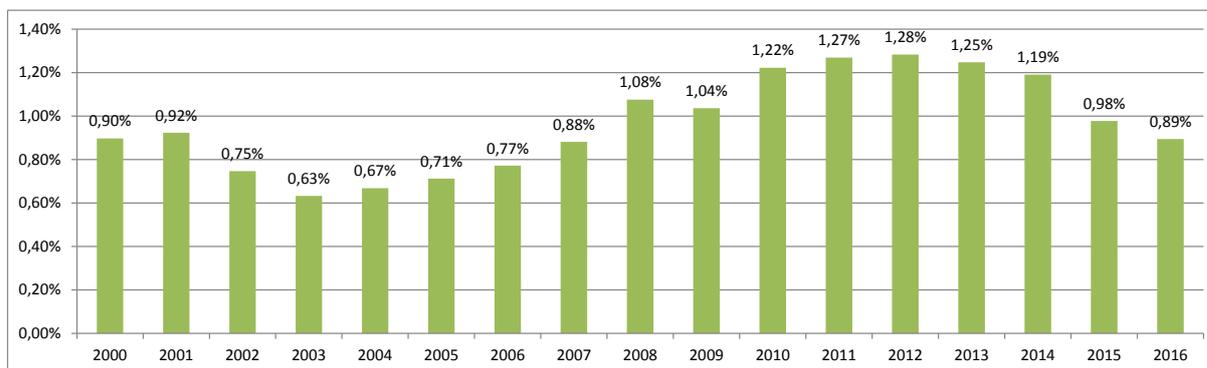
Em um cenário global cada vez mais competitivo e integrado, as políticas de estímulo às exportações têm sido realizadas pelo governo brasileiro como uma forma de incrementar o comércio, permitindo gerar superávit na balança comercial e, conseqüentemente, contribuir para o crescimento econômico do país.

De uma forma geral, o estímulo às exportações visa aumentar o volume e o valor agregado das exportações, além do alargamento da base exportadora local. Em outras palavras, o aumento do volume e do valor exportado ocorre pela: a) manutenção contínua de um fluxo de novas empresas exportadoras; b) redução da taxa de evasão de empresas que já estão no mercado exportador; c) intensificação da atuação de empresas que já atuam no mercado exportador; d) abertura de novos mercados. (ALVAREZ, 2013).

Apesar dos esforços governamentais no período de 2000 a 2016, a participação do Brasil no comércio internacional é muito pequena. De tudo que se exportam no mundo, as exportações brasileiras apresentam participação média em torno de 0,97%, conforme gráfico 1.

De acordo com Markwald e Puga (2002), existem algumas deficiências observadas neste mercado: a baixa base exportadora, a reduzida propensão a exportar e a elevada taxa de evasão do mercado internacional. Esses fatores impedem a evolução contínua do valor exportado.

Gráfico 1 - Participação percentual das exportações brasileiras sobre o total exportado no mundo



Fonte: *World Bank Group* (2019). Elaborado pelo autor.

Existem pontos positivos relacionados ao incentivo às exportações. Alvarez (2013) afirma que existem evidências empíricas que apontam para a superioridade das empresas exportadoras quando comparadas com as empresas voltadas para o mercado interno. Os fatores que mais se diferenciam são: tamanho, diversificação de produtos, remuneração e produtividade dos empregados. Segundo o autor, resultados da literatura empírica sugerem que os incentivos financeiros e fiscais podem gerar ganhos econômicos à sociedade, visto que facilitam a superação de restrições financeiras inerentes à entrada e o efetivo estabelecimento da empresa no mercado externo. O autor acrescenta que há necessidade em entender a dinâmica de entrada e saída das empresas na atividade exportadora para formular políticas públicas de incentivo adequado às empresas, reduzindo essas deficiências atuais.

Portanto, a avaliação da mudança na composição das exportações é muito importante, pois possibilita visualizar a direção que as exportações brasileiras estão seguindo e se as políticas adotadas pelo governo estão surtindo os resultados desejados. Com isto, a análise sobre os dados levantados poderá indicar o próximo passo para o comércio internacional brasileiro.

Neste cenário, o objetivo deste estudo é responder à seguinte questão: Houve mudança na composição das exportações brasileiras no período de 2000 a 2016?

Para responder a esta questão, é analisada a evolução das exportações, de 2000 a 2016, segundo os seguintes aspectos: saldo da balança comercial, exportação por região, número de parceiros, número de produtos, índice de valor, índice de quantidade, principais países parceiros e grupo de produtos.

O trabalho está dividido em cinco seções, sendo a primeira seção, a introdução. A segunda seção apresenta o referencial teórico onde são apresentadas as principais teorias de competitividade no comércio internacional. A seguir, apresenta-se a metodologia utilizada neste trabalho. A quarta seção disponibiliza a evolução da composição das exportações brasileiras e encerra-se o trabalho com a conclusão das análises e considerações finais.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

As relações econômicas se intensificaram em decorrência do processo de globalização, tornando-se importante a compreensão das relações competitivas no comércio internacional. (PAIS et al, 2012).

Um dos autores que se dedicou ao estudo do comércio internacional foi Adam Smith (1937). O autor mostra que a aplicação da divisão do trabalho na área internacional permite a especialização da produção que, aliada às trocas entre países, contribui para um aumento do bem-estar da população. Essa ideia deu origem à Teoria das Vantagens Absolutas, onde cada país deve se concentrar na produção de bens a custo mais baixo, e a troca de parte dessa produção por bens que custam menos em outros países.

Entretanto, essa teoria não explica completamente as bases do comércio. Se um país não apresenta nenhuma vantagem absoluta, não participa do comércio internacional. (PAIS et al, 2012).

David Ricardo (1963) aperfeiçoa as ideias de Adam Smith desenvolvendo a Teoria das Vantagens Comparativas. O princípio das Vantagens Comparativas sugere que cada país deva se especializar na produção daquela mercadoria em que é relativamente mais eficiente ou que tenha um custo relativamente menor. Esta será, portanto, a mercadoria a ser exportada. Por outro lado, esse mesmo país deverá importar aqueles bens cuja produção implicar um custo relativamente maior, cuja produção é relativamente menos eficiente. Desse modo, explica-se a especialização dos países na produção de bens diferentes, a partir da qual se concretiza o processo de troca entre eles. (SILVA, 2003).

Embora a Teoria das Vantagens Comparativas seja de grande utilidade, apresenta limitação, qual seja, estabelece que a relação de valor entre os bens é determinada pela quantidade de trabalho incorporada na produção. Na realidade, existem outros fatores que podem participar do processo de produção, tais como matérias-primas, capital etc. (RATTI, 2006).

Gottfried Von Haberler (1936) refina a Teoria das Vantagens Comparativas ao introduzir o conceito do custo de oportunidade, que permite considerar outros fatores de produção além do fator trabalho. Com os recursos disponíveis, admitindo o pleno emprego dos fatores de produção, o país pode produzir uma combinação de quantidades entre dois bens. O custo de oportunidade corresponde ao número de unidades de um bem que será sacrificado para que se possa produzir uma unidade de outro bem. A abertura do comércio aumenta a amplitude das escolhas entre os países. Como os custos são crescentes, haverá um momento em que a relação de troca entre os dois bens será igual à internacional, deixando de ser vantajosa a transferência de recursos para a produção de um bem no lugar de outro bem.

Dessa forma, o comércio internacional depende das diferenças dos custos relativos de produção entre os países.

A teoria de Heckscher-Ohlin tenta explicar a diferença dos custos relativos entre os países. Segundo essa teoria, a diferença que existe entre os custos relativos de dois países é decorrente da desigualdade na distribuição dos fatores de produção, além da exigibilidade de diferentes proporções de fatores de produção. A escassez de um fator de produção em um país terá um custo relativo maior que em outro país cujo fator é abundante. Dessa forma, cada país se especializa e exporta bens onde a produção necessite de grande quantidade do fator abundante e barato; por outro lado, importa o bem cuja produção exija a participação de um fator escasso e caro. (BOVOLenta, 2018).

De acordo com essa teoria, o Brasil deve dedicar-se à produção e exportação de produtos agrícolas, uma vez que possui abundância de mão-de-obra e terra, e escassez de capital. (RATTI, 2006).

Com base na Teoria das Vantagens Comparativas, Balassa (1965) desenvolve a Teoria das Vantagens Comparativas Reveladas que, utilizando dados pós-comércio, tem por objetivo apresentar o desempenho relativo das exportações de um bem em um país para verificar se este

bem possui vantagens comparativas. Porém, segundo Hidalgo (1998), esta teoria apresenta limitação, visto que não considera a influência do protecionismo, as mudanças cambiais, entre outras variáveis que influenciam a competitividade do mercado internacional.

Outras teorias de comércio internacional surgiram para compreender como se desenvolve a competitividade neste mercado.

Para Krugman (1990), com o objetivo de aumentar os possíveis ganhos, um país deve direcionar suas exportações para bens que o país consegue produzir com economia de escala.

Hausmann e Hidalgo (2011) afirmam que uma sociedade mais complexa se projeta de forma mais ampla, exportando bens mais complexos, com maior capacidade de rearranjo e recombinação, permitindo retornos econômicos maiores.

De acordo com Porter (1999), com a inovação tecnológica, as vantagens comparativas enfraquecem, uma vez que as indústrias compensam os fatores escassos pelo desenvolvimento de novos processos. Portanto, a competitividade no mercado internacional deve ter como base a diferenciação de bens e a redução de custos de produção via economia de escala e/ou aperfeiçoamento tecnológico.

A partir dessas teorias, estabelece-se uma relação entre economia de escala, efeito seleção da liberalização comercial, inovação e heterogeneidade das empresas. O efeito seleção da liberalização comercial potencializa a eficiência da empresa que já é competitiva e inovadora no mercado interno, alargando suas fronteiras para o mercado externo. Portanto, o efeito do transbordamento e da externalidade positiva são apresentados nessas teorias como resultado de processos endógenos. (BOVOLENTA, 2018).

Conforme exposto, o país deve concentrar sua produção naquilo que possui vantagem comparativa. Os processos endógenos definirão a criação e o desenvolvimento de novos bens, provocando encadeamentos para frente e para trás da cadeia produtiva, influenciando suas exportações.

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa se constitui em uma investigação exploratória e descritiva. Segundo Vergara (2016), a pesquisa descritiva expõe as características de determinada população ao fenômeno. Neste caso, é realizada a exposição da composição das exportações brasileiras no período de 2000 a 2016 para verificar se houve mudança decorrente da política de incentivo à exportação adotada pelo governo vigente. Os resultados não abordam a política de incentivo fiscal e financeiro à exportação.

Neste trabalho também se utiliza da pesquisa bibliográfica. De acordo com Vergara (2016), a pesquisa bibliográfica consiste no estudo sistematizado com base em material publicado e acessível ao público em geral. Foram utilizados livros, relatórios técnicos, artigos, entre outras publicações com acesso público.

A pesquisa se baseia em dados secundários. Neste trabalho foi utilizada a base de dados fornecida pelo *The World Bank*, em colaboração com *United Nations Conference on Trade and Development* (UNCTAD) e em consultoria com organizações como *International Trade Center*, *United Nations Statistical Division* (UNSD) e *World Trade Organization* (WTO). O software *World Integrated Trade Solution* (WITS) permite a análise da composição das exportações brasileiras para melhor detalhar os dados coletados.

Após a coleta dos dados, eles foram tratados de forma quantitativa, ou seja, foram utilizados procedimentos de estatística descritiva, para que fossem apresentados de forma estruturada, facilitando a análise e conclusão.

## 4 RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os dados fornecidos pelo *World Integrated Trade Solutions* (WITS), sobre as exportações de produtos brasileiros para o período de 2000 a 2016. Pela análise de variações das exportações brasileiras, é possível verificar a trajetória que o Brasil seguiu e se o estímulo às exportações surtiu efeito.

### 4.1 Balança comercial brasileira

A balança comercial brasileira é constituída pela diferença entre as exportações e importações acumuladas. Na tabela 1 é possível verificar que no período 2000-2016, as exportações participam entre 50% e 62% do total, predominantemente superavitária. O déficit ocorre apenas nos anos de 2000 (US\$ 1 bilhão) e de 2014 (US\$ 4 bilhões).

Verifica-se que as exportações atingem seu ápice em 2011, conseguindo um valor de US\$256 bilhões, representando um crescimento de 365% desde o ano de 2000 (tabela 1). A partir de 2011, as exportações começam a cair até 2016, queda de 28%, passando de US\$256 bilhões para US\$185 bilhões. As importações atingem seu ápice em 2013, com um valor de US\$240 bilhões, com crescimento de 329% desde o ano de 2000. A partir deste ano, as importações começam a cair, atingindo US\$138 bilhões (queda de 43%). Em 2016 ocorre o maior saldo positivo na balança comercial, US\$48 bilhões.

Assim, é possível afirmar que a balança comercial, na maior parte do tempo, é superavitária. As exportações mantêm uma participação percentual média de 55% e a balança comercial brasileira consegue acumular US\$390 bilhões no período estudado.

Nota-se claramente a influência dos ajustes cambiais realizados pelo governo. O gráfico 2 indica que existe uma correlação inversa entre a evolução total das exportações brasileiras e a taxa de câmbio média anual, ou seja, quando a taxa de câmbio média é baixa, as exportações são altas, e vice-versa. Ressalta-se que não é a taxa de câmbio que explica o ápice das exportações brasileiras em 2011, e sim o alto preço e as grandes quantidades de commodities agrícolas e minerais que o Brasil exporta para a China, como será visto nas próximas seções deste trabalho.

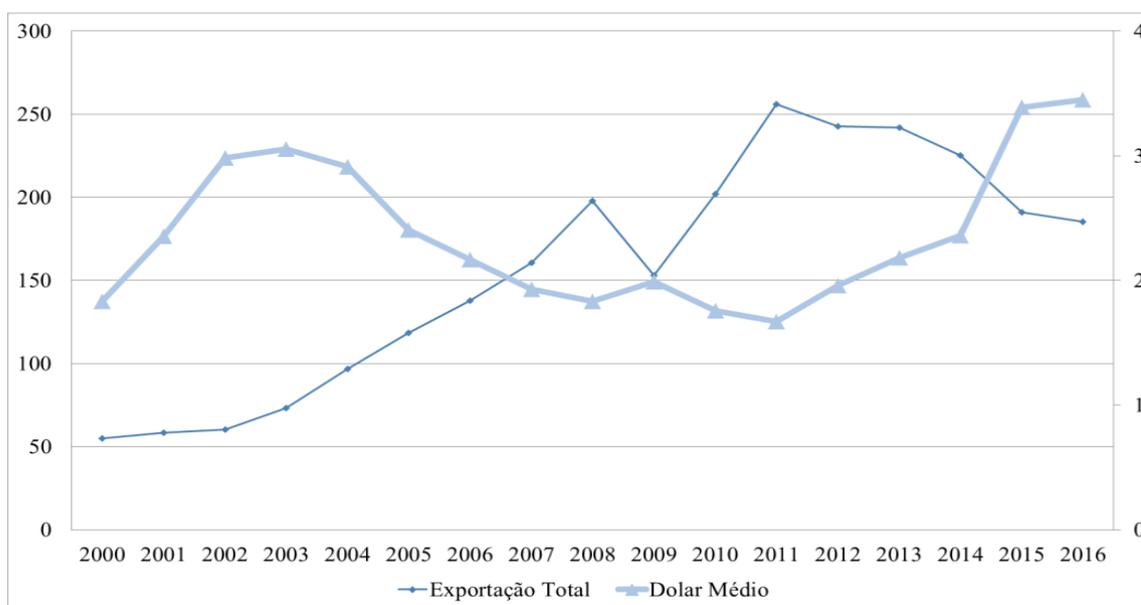
Comparado a outros países, o Brasil se mostra uma economia extremamente fechada. Segundo dados de 2016 relativos a 234 países disponíveis nos Indicadores de Desenvolvimento Mundial do Banco Mundial (*The World Bank*, 2019), a proporção média das exportações em relação ao PIB é de 38,7%. O Brasil ocupa a 224ª posição com uma proporção das exportações em relação ao PIB de 12,5%. Isso significa dizer que o Brasil fica 26,2 pontos percentuais abaixo da média. Essa posição não é muito diferente da posição do Brasil em 2000, quando a participação das exportações no PIB era de 10,2% e o Brasil ocupava a 214ª posição mundial.

Tabela 1 – Balança comercial brasileira (US\$ bilhões; %)

<b>Ano</b>	<b>Exportações</b>	<b>Exp %</b>	<b>Importações</b>	<b>Imp %</b>	<b>Saldo Comercial (superávit ou déficit)</b>
<b>2000</b>	55	50%	56	50%	-1
<b>2001</b>	58	51%	56	49%	3
<b>2002</b>	60	56%	47	44%	13
<b>2003</b>	73	60%	48	40%	25
<b>2004</b>	97	61%	63	39%	34
<b>2005</b>	119	62%	74	38%	45
<b>2006</b>	138	60%	91	40%	46
<b>2007</b>	161	57%	121	43%	40
<b>2008</b>	198	53%	173	47%	25
<b>2009</b>	153	55%	128	45%	25
<b>2010</b>	202	53%	182	47%	20
<b>2011</b>	256	53%	226	47%	30
<b>2012</b>	243	52%	223	48%	19
<b>2013</b>	242	50%	240	50%	2
<b>2014</b>	225	50%	229	50%	-4
<b>2015</b>	191	53%	171	47%	20
<b>2016</b>	185	57%	138	43%	48

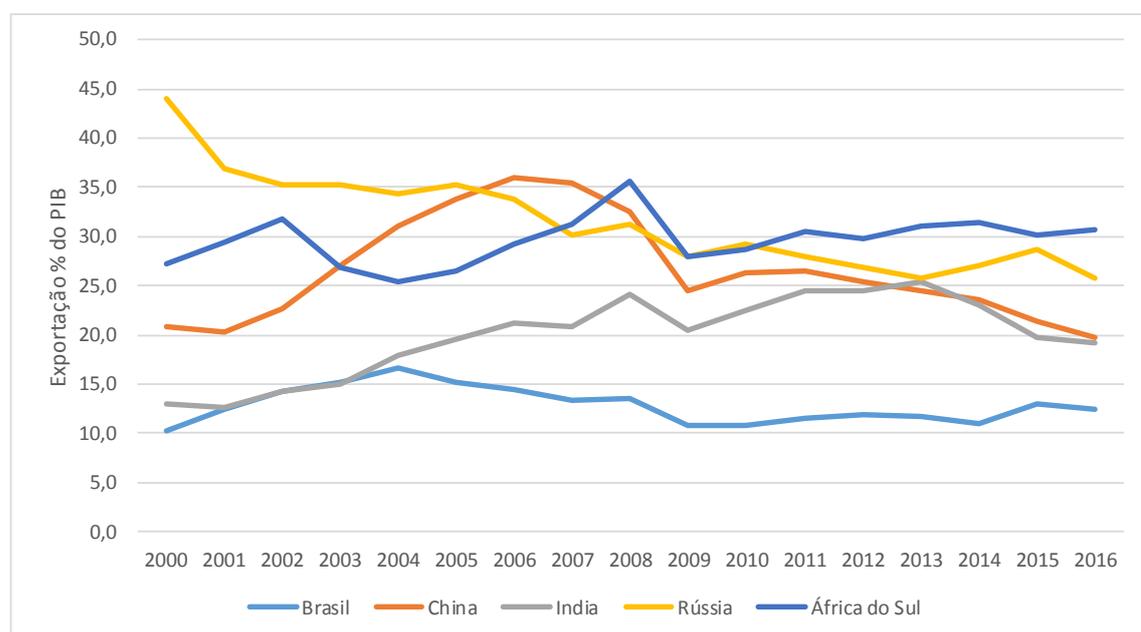
Fonte: *World Bank Group* (2019). Elaborado pelos autores.

Gráfico 2 - Exportações totais brasileiras x Dólar médio (US\$ bilhões; R\$)



Fonte: World Bank Group (2019). Elaborado pelos autores.

Gráfico 3 - Relação entre o valor das exportações e o PIB dos países do BRICS (%)



Fonte: The World Bank (2019). Elaborado pelos autores.

Essa proporção, além de ser uma das mais baixas no mundo, também está aquém da de seus pares entre os BRICS. Em 2016, a África do Sul fica na 120ª posição (30,7%), a Rússia na 151ª posição (25,7%), a China na 193ª posição (19,7%), a Índia na 199ª posição e o Brasil na 224ª posição (12,5%). A média do grupo é de 21,6%. Analisando o gráfico 3, percebe-se que em

todo o período estudado, a relação exportações/PIB do Brasil sempre fica abaixo quando comparada com os países do BRICS.

Segundo Canuto et al:

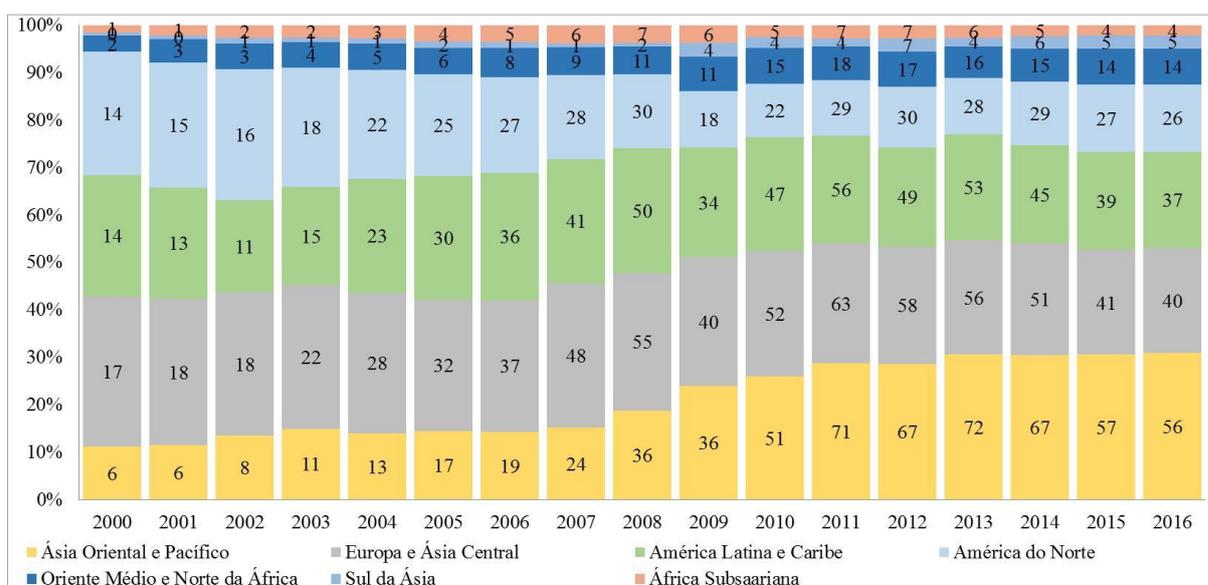
Maior abertura e integração mais profunda às cadeias globais de valor resultariam no fechamento de segmentos da cadeia de produção menos competitivos e na sua substituição por importações, eliminando as perdas associadas à produção nacional ineficiente. Por outro lado, as empresas que conseguissem sobreviver seriam mais competitivas, enquanto que os produtos finais disponíveis para o mercado interno, bem como para as exportações, seriam de menor custo e de maior qualidade (Fleischhaker e George, 2014). Além disso, em termos dinâmicos, a integração em cadeias globais de valor permitiria que os escassos recursos domésticos, como mão de obra qualificada, fossem realocados para as empresas e atividades mais produtivas, aumentando a produtividade global. (2015, p. 24).

Em outras palavras, a falta de abertura da economia brasileira aumenta o custo de oportunidade, uma vez que os ganhos de produtividade e a redução de custos na economia global não são absorvidos na economia brasileira. Se houvesse maior participação na rede de produção mundial, a economia brasileira teria atividades produtivas fortalecidas pela disponibilidade de bens de consumo, bens intermediários e bens de capital mais baratos, permitindo que houvesse uma alavancagem em suas vantagens comparativas. (CANUTO et al, 2015).

## 4.2 Exportação brasileira por região

De 2000 a 2016, o Brasil amplia o número de clientes e o valor negociado ao redor do mundo, resultando em aumento do seu portfólio e maior entrada de receita na balança comercial brasileira.

Gráfico 4 – Evolução das exportações por grupo de regiões (US\$ bilhões; %)



Fonte: World Bank Group (2019). Elaborado pelos autores.

Pelo gráfico 4 verifica-se que o maior cliente dos produtos brasileiros em 2000 é a Europa e a Ásia Central (31%; US\$17 bilhões). Ao longo do período há uma profunda mudança na

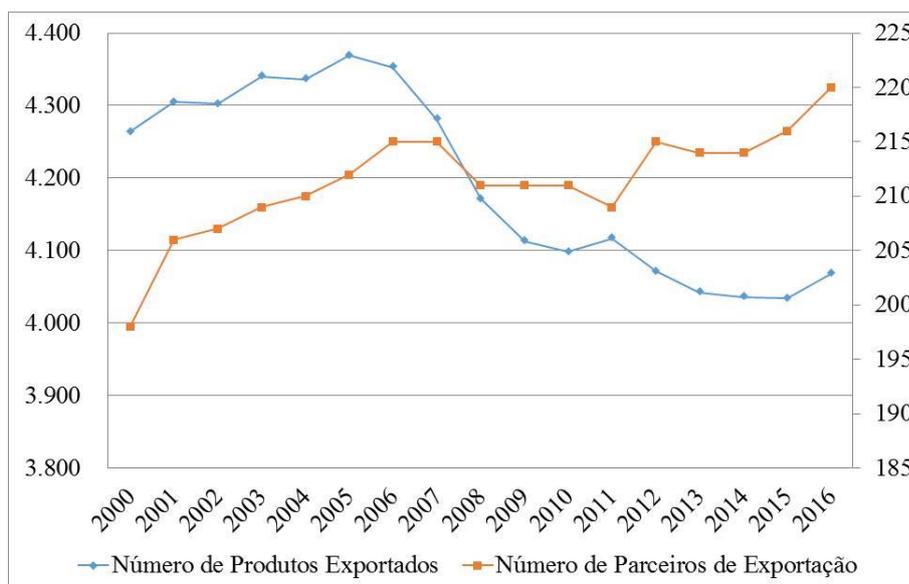
composição das exportações brasileiras sendo que, em 2016, a maior interação comercial ocorre com a Ásia Oriental e Pacífico (30%; US\$56 bilhões).

### 4.3 Exportação brasileira por número de parceiros e número de produtos

As exportações brasileiras apresentam maior interação no mercado internacional, aumentando o número de parceiros de 198 em 2000 para 220 em 2016 (gráfico 5), com 22 novos importadores (11%). Isto mostra que o Brasil consegue expandir e ganhar mais espaço no mercado internacional.

Se, por um lado, há expansão do número de parceiros, o mesmo não ocorre com o número de produtos. Enquanto, em 2000, o Brasil exporta 4.264 produtos, em 2016 esse número atinge 4.068 (gráfico 5). Isso corresponde a uma queda de 196 produtos (-5%). Apesar da queda em variedade de produtos brasileiros, as exportações brasileiras apresentam ampliação do comércio e impactos positivos à balança comercial brasileira.

Gráfico 5 - Número de produtos exportados e número de parceiros de exportação



Fonte: World Bank Group (2019). Elaborado pelos autores.

### 4.4 Índices de valor, índice de quantidade e índice de preço da exportação brasileira

Levando em consideração que as exportações brasileiras apresentam aumento no período de 2008 a 2014 no meio internacional, é necessário verificar se a quantidade também avança conforme o valor das exportações.

Tabela 2 - Índice de valor, índice de quantidade e índice de preço das exportações brasileiras (Base 2000 = 100)

Ano	Índice de Valor	Índice de Preço	Índice de Quantidade
2000	100	100	100
2001	106	97	110
2002	110	92	119
2003	133	96	138
2004	175	107	164
2005	215	120	179
2006	250	135	185
2007	291	149	195
2008	359	188	191
2009	278	163	170
2010	366	197	186
2011	465	242	192
2012	440	230	191
2013	439	223	197
2014	408	211	193
2015	347	166	209
2016	336	155	216

Fonte: *World Bank Group* (2019). Elaborado pelos autores.

Pelos dados da tabela 2, tanto o índice de preço como o índice de quantidade apresentam crescimento no período de 2000 a 2016, embora com intensidades diferentes. Enquanto o índice de quantidade atinge 216, o índice de preço atinge 155. Isso representa um crescimento médio de 4,6% no índice de quantidade e um crescimento médio de 2,6% no índice de preço. Portanto, o aumento das exportações foi alavancado mais pela quantidade do que pelo preço.

#### 4.5 Exportação brasileira por principais países

Em 2000, do total de US\$55 bilhões exportados, somente seis países são responsáveis por 52% das exportações brasileiras. São eles: China, Estados Unidos, Argentina, Holanda, Alemanha e Japão. Essa participação percentual cai para 49% em 2016, porém continua significativa a concentração nesses países.

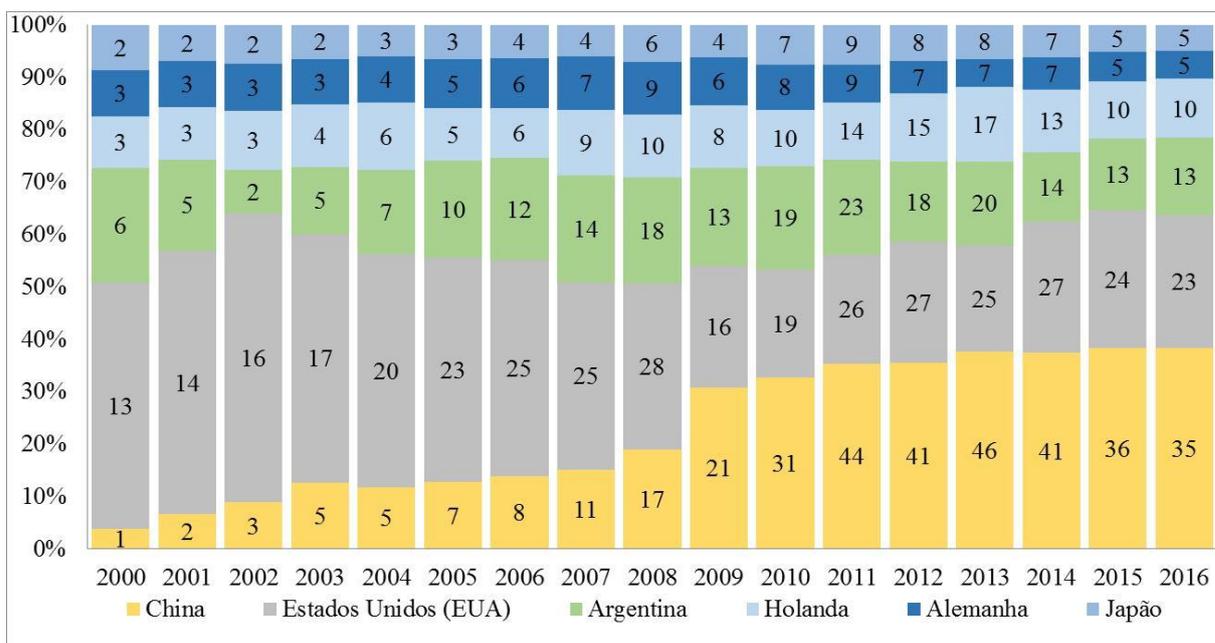
O ponto negativo dessa situação é a dependência das exportações brasileiras com o cenário econômico desses países; O ponto positivo é a aliança mais profunda com estes países, oferecendo melhores condições de ampliação de comércio.

Em 2000 (gráfico 6), a maior parcela dos produtos exportados é destinada aos Estados Unidos (24%; US\$13 bilhões). Em 2016, é a China (19%; US\$35 bilhões).

Em 2000 (tabela 3), a China possui interesse em matérias-primas (67%) e bens intermediários (22%). Em 2016, a participação das matérias-primas atinge 81%; do total de US\$36 bilhões de matérias-primas exportado pelo Brasil, US\$28 bilhões são destinados à China (78%).

Em 2000 (tabela 3), o Japão possui preferência pelas matérias-primas (40%; US\$1 bilhão) e bens intermediários (41%; US\$1 bilhão). Em 2016, as matérias-primas brasileiras são mais requisitadas, chegando a atingir 65% (US\$3 bilhões) do portfólio japonês.

Gráfico 6 - Evolução das exportações dos principais países (US\$ bilhões; %)



Fonte: World Bank Group (2019). Elaborado pelos autores.

Tabela 3 - Principais grupos de produtos dos seis principais países (US\$ bilhões; %)

	Ano		2000		2001		2002		2003		2004		2005		2006		2007		2008		2009		2010		2011		2012		2013		2014		2015		2016	
	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%
China	Matéria Prima		1	67%	1	61%	2	61%	2	50%	3	59%	5	68%	6	74%	8	74%	13	78%	16	78%	26	84%	38	85%	34	82%	39	85%	34	84%	29	80%	28	81%
	Bens Intermediários		0	0%	0	0%	1	2%	2	38%	2	2%	2	24%	2	2%	2	21%	3	18%	4	19%	4	13%	5	12%	5	13%	6	14%	6	15%	5	15%	5	15%
Japão	Matéria Prima		1	40%	1	54%	1	50%	1	50%	1	54%	2	59%	2	56%	2	56%	4	66%	3	61%	5	72%	7	75%	6	73%	6	75%	5	71%	3	68%	3	65%
	Bens Intermediários		1	41%	1	36%	1	36%	1	40%	1	37%	1	33%	1	36%	1	34%	2	27%	1	27%	2	21%	2	19%	2	20%	1	18%	1	20%	1	22%	1	22%
Holanda	Matéria Prima		1	39%	1	39%	1	39%	2	38%	2	33%	2	45%	2	36%	3	35%	5	29%	3	29%	5	33%	6	33%	6	25%	6	26%	6	26%	6	25%	5	23%
	Bens Intermediários		1	41%	1	43%	1	42%	2	44%	2	34%	2	39%	2	43%	4	41%	5	49%	3	43%	5	47%	6	42%	6	39%	6	37%	6	45%	6	52%	5	44%
Alemanha	Matéria Prima		1	47%	1	51%	1	50%	2	51%	2	49%	2	41%	2	41%	3	39%	4	42%	2	39%	4	47%	4	47%	3	43%	3	50%	3	48%	2	43%	2	42%
	Bens Intermediários		1	23%	1	23%	1	20%	1	21%	1	20%	1	18%	1	20%	2	23%	2	22%	1	21%	1	18%	2	27%	2	28%	2	24%	2	30%	2	32%	2	32%
Estados Unidos (EUA)	Bens de Capital		5	34%	5	38%	6	38%	6	33%	6	31%	7	32%	7	27%	8	25%	8	27%	4	23%	4	19%	5	18%	5	20%	5	22%	7	25%	7	31%	8	34%
	Bens Intermediários		4	30%	3	24%	4	24%	4	25%	7	32%	8	34%	9	36%	8	33%	9	33%	9	30%	6	32%	9	35%	10	37%	9	37%	10	36%	10	34%	8	33%
Argentina	Bens de capital		2	36%	2	31%	1	22%	1	30%	3	35%	3	39%	4	39%	4	36%	6	37%	4	35%	7	37%	7	37%	6	37%	7	35%	7	33%	5	36%	5	36%
	Bens de consumo		2	32%	2	33%	1	26%	1	29%	2	30%	3	28%	4	30%	4	31%	6	32%	4	31%	6	32%	7	32%	6	32%	8	39%	5	33%	4	34%	4	39%
Total	Matérias Primas		4	14%	5	16%	5	18%	7	19%	9	19%	11	21%	13	21%	16	23%	24	27%	24	35%	38	43%	53	47%	53	43%	46	42%	37	39%	37	39%	36	39%
	Bens Intermediários		7	24%	6	22%	7	25%	9	26%	12	26%	14	25%	16	26%	17	24%	21	24%	15	21%	18	19%	24	25%	24	24%	24	23%	22	23%	22	22%	20	20%
Total	Bens de capital		7	24%	7	24%	6	23%	7	19%	9	20%	11	21%	11	19%	12	16%	14	16%	8	12%	11	11%	13	10%	12	10%	12	11%	12	13%	12	14%	13	13%
	Bens de consumo		2	7%	2	6%	1	2%	1	4%	2	5%	3	5%	4	6%	4	6%	6	7%	4	6%	6	6%	7	6%	6	5%	5	4%	4	5%	4	4%	5	5%

Fonte: World Bank Group (2019). Elaborado pelos autores.

A Holanda também apresenta preferência por matérias-primas e bens intermediários, mudando a composição de seu portfólio ao longo dos anos. Em 2000 (tabela 3), 39% do total exportado pela Holanda é de matérias-primas enquanto 41% é de bens intermediários. Em 2016, os bens intermediários passam a 44% enquanto as matérias-primas, 23%.

A Argentina e os EUA são os países que não apresentam as matérias-primas como um dos principais produtos negociados. A Argentina demonstra mais interesse em bens de capital (média de 35%) e bens de consumo (média de 32%). Já os EUA, os bens de capital (média de 32%) e bens intermediários (média de 32%) detêm contribuições similares.

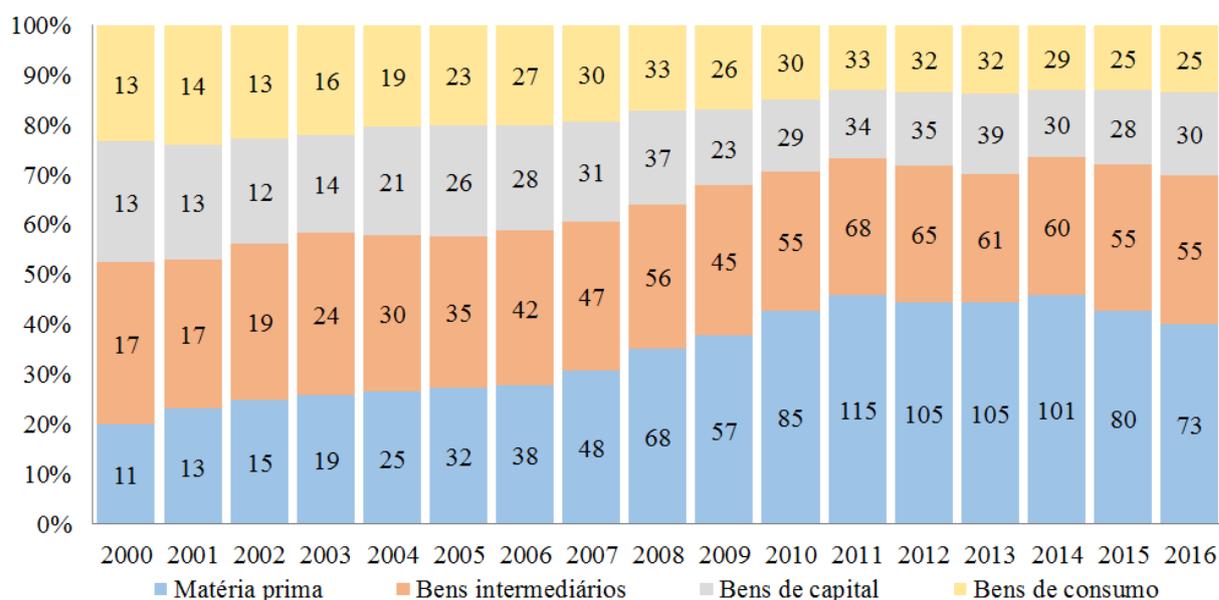
Dentre os seis países apresentados, o país que mais promove comércio com o Brasil é a China, e isto é consequência do grande aumento da demanda por matérias-primas. De US\$727 milhões em 2000 passa para US\$28 bilhões em 2016, representando um crescimento de 3816% no período.

#### 4.6 Exportação brasileira por grupo de produto

Ao longo do período, os bens intermediários representam cerca de 30% das exportações, passando de US\$17 bilhões para US\$55 bilhões, com crescimento de 224%, sendo o segundo maior crescimento no grupo de produtos exportados (gráfico 7).

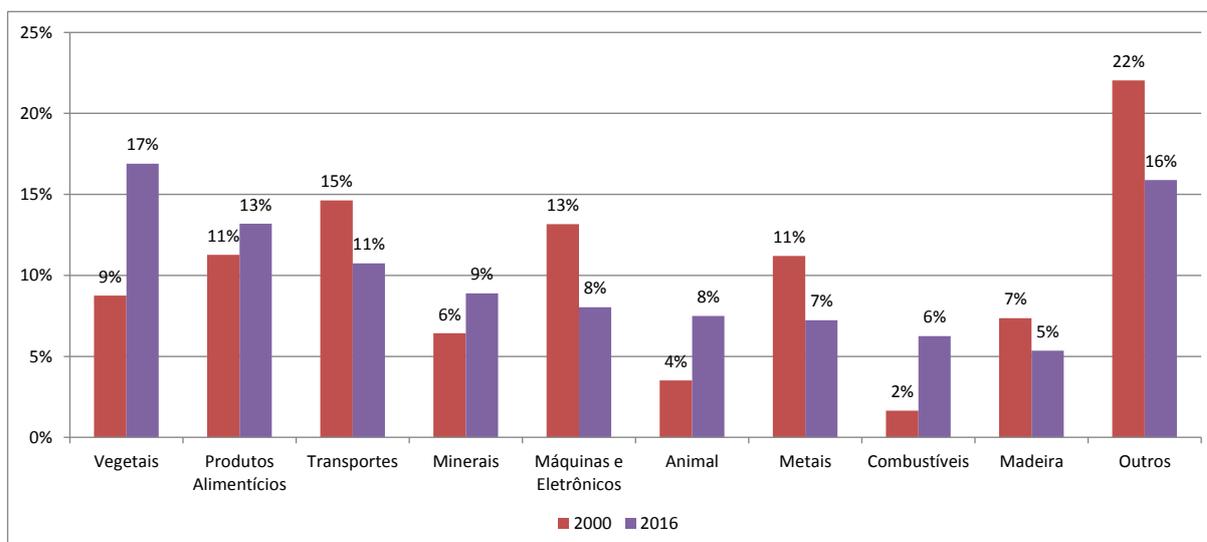
Em 2000, apesar de as matérias-primas começarem como o grupo de menor participação nas exportações brasileiras (20%), ao final de 2016, as matérias-primas passam a ocupar a liderança (40%; US\$73 bilhões). No período, as matérias-primas aumentam 564%, sendo a maior taxa de crescimento (gráfico 7) dentre os grupos de produtos exportados pelo Brasil.

Gráfico 7 – Evolução das exportações por grupo de produto (US\$ bilhões; %)



Fonte: World Bank Group (2019). Elaborado pelos autores.

Gráfico 8 – Participação dos produtos exportados em 2000 e 2016 (%)



Obs.: o grupo “outros” é composto pelos produtos químicos, rocha e vidro, plástico e borracha, têxtil e roupa, couro e pele, calçados e diversos.

Fonte: *World Bank Group* (2019).

Elaborado pelos autores.

Os bens de capital e os bens de consumo brasileiros acompanham esse progresso, porém, numa taxa de crescimento menor (gráfico 7). Os bens de consumo, que representam 24% do total exportado em 2000 (US\$13 bilhões), passam a 14% em 2016 (US\$25 bilhões), tendo um crescimento de 92%, em valor, no período. Os bens de capital também representam 24% das exportações em 2000 (US\$13 bilhões), passando a 16% em 2016 (US\$30 bilhões), tendo um crescimento de 131%, em valor, no período em análise. Mesmo possuindo as menores participações no mercado de exportações brasileiro, eles contribuem em média com 35% do total exportado, chegando a seu ápice em 2013 (US\$71 bilhões).

Em 2000 (gráfico 8), os principais produtos exportados são os produtos relacionados a transportes (15%), máquinas e eletrônicos (13%), produtos alimentícios (11%) e metais (11%). Em 2016, ocorre uma mudança nesta composição, dando maior ênfase para os vegetais (17%), produtos alimentícios (13%), transportes (11%) e minerais (9%).

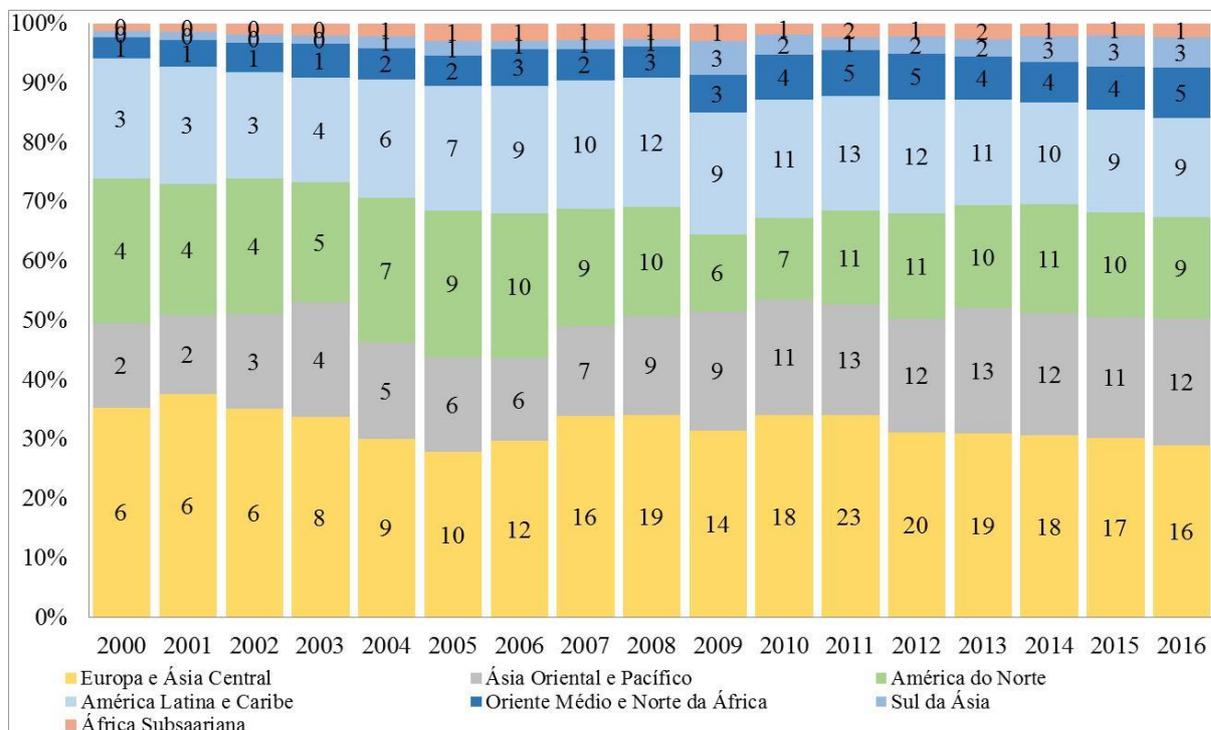
#### 4.7 Bens intermediários brasileiros

Em 2000 (gráfico 9), a maior parte das exportações de bens intermediários é destinada à Europa e a Ásia Central (38%; US\$6 bilhões). Em 2016, a Europa e Ásia Central continuam a consumir a maior parte das exportações de bens intermediários (29%; US\$16 bilhões), porém, perdem participação para a Ásia Oriental e Pacífico (de 13% em 2000 para 22% em 2016) e Oriente Médio e Norte da África (6% em 2000 para 9% em 2016).

Analisando a evolução das exportações de bens intermediários por país (gráfico 10), os principais parceiros comerciais são Estados Unidos, China, Holanda, Argentina e Índia. Em 2000, os Estados Unidos participam com 57% (US\$4 bilhões), passando a 35% em 2016 (US\$8 bilhões). Outro país que perde sua participação é a Argentina. Em 2000, a Argentina detém 29% (US\$2 bilhões) dos bens intermediários, porém, chega a 13% em 2016 (US\$3 bilhões). Essa perda de participação da Argentina e dos Estados Unidos é compensada pelo aumento de

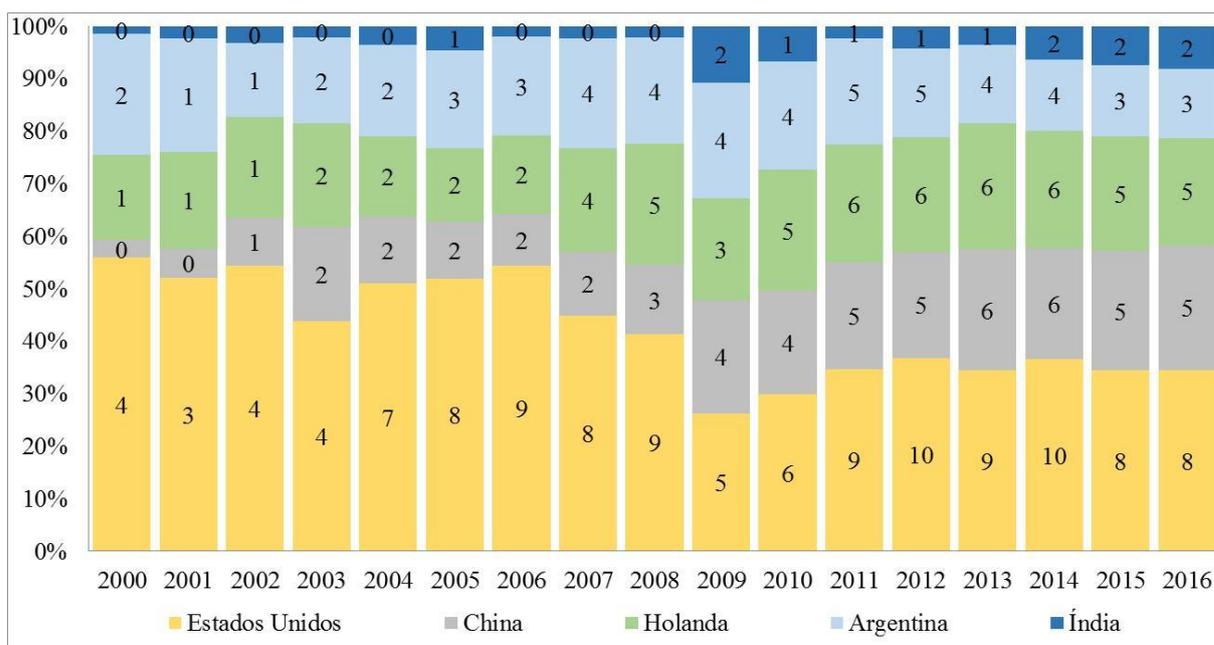
participação da China (de aproximadamente 0% em 2000 para 22% em 2016), Holanda (de 14% em 2000 para 22% em 2016) e Índia (0% em 2000 para 9% em 2016).

Gráfico 9 - Exportação de bens intermediários por grupo de região (US\$ bilhões; %)



Fonte: World Bank Group (2019). Elaborado pelos autores.

Gráfico 10 – Exportação de bens intermediários por principais países (US\$ bilhões; %)

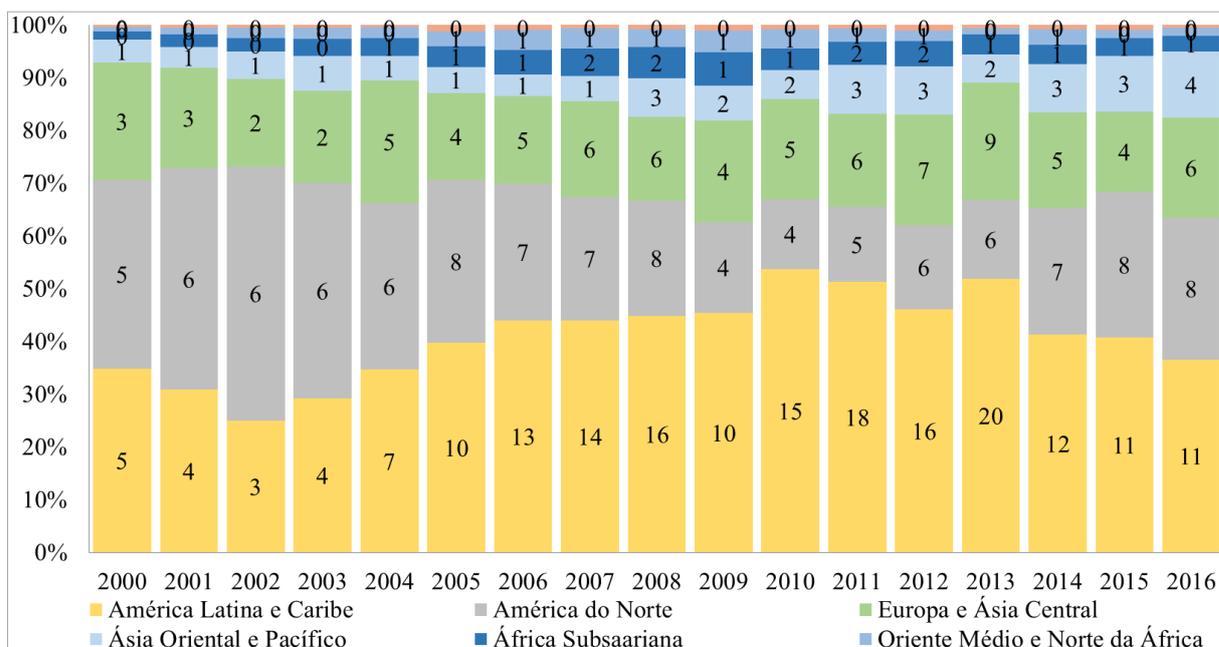


Fonte: World Bank Group (2019). Elaborado pelos autores.

#### 4.8 Bens de capital brasileiros

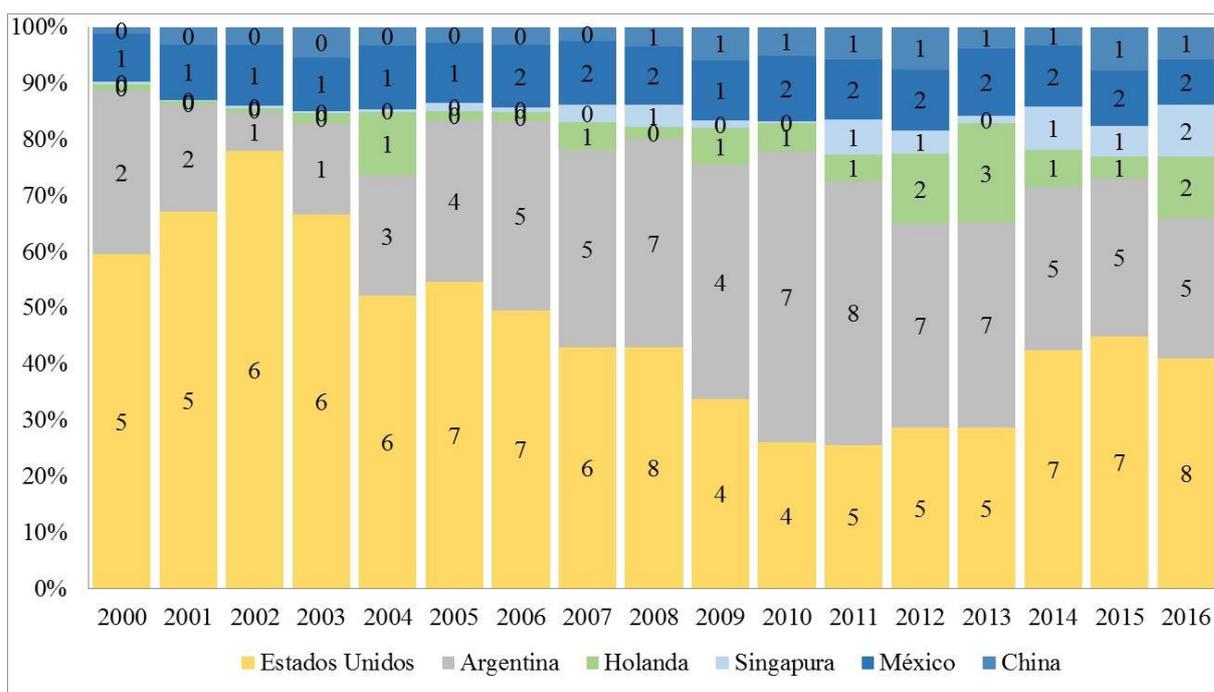
Em 2000 (gráfico 11), a América Latina e Caribe têm a mesma participação que a América do Norte nas exportações de bens de capital (36%; US\$5 bilhões). A segunda colocada é a região da Europa e Ásia Central (21%; US\$3 bilhões).

Gráfico 11 – Exportação de bens de capital por grupo de região (US\$ bilhões; %)



Fonte: World Bank Group (2019). Elaborado pelos autores.

Gráfico 12 – Exportação de bens de capital por principais países (US\$ bilhões; %)



Fonte: World Bank Group (2019). Elaborado pelos autores.

Em 2016, a maior parte das exportações de bens de capital é destinada à América Latina e Caribe (37%; US\$11 bilhões). Ao longo do período, a Ásia Oriental e Pacífico crescem em importância, passando de 7% (US\$1 bilhão) em 2000 para 13% (US\$4 bilhões) em 2016, registrando um crescimento de 300%, sendo o maior crescimento quando comparado ao crescimento de outras regiões que importam bens de capital (gráfico 11).

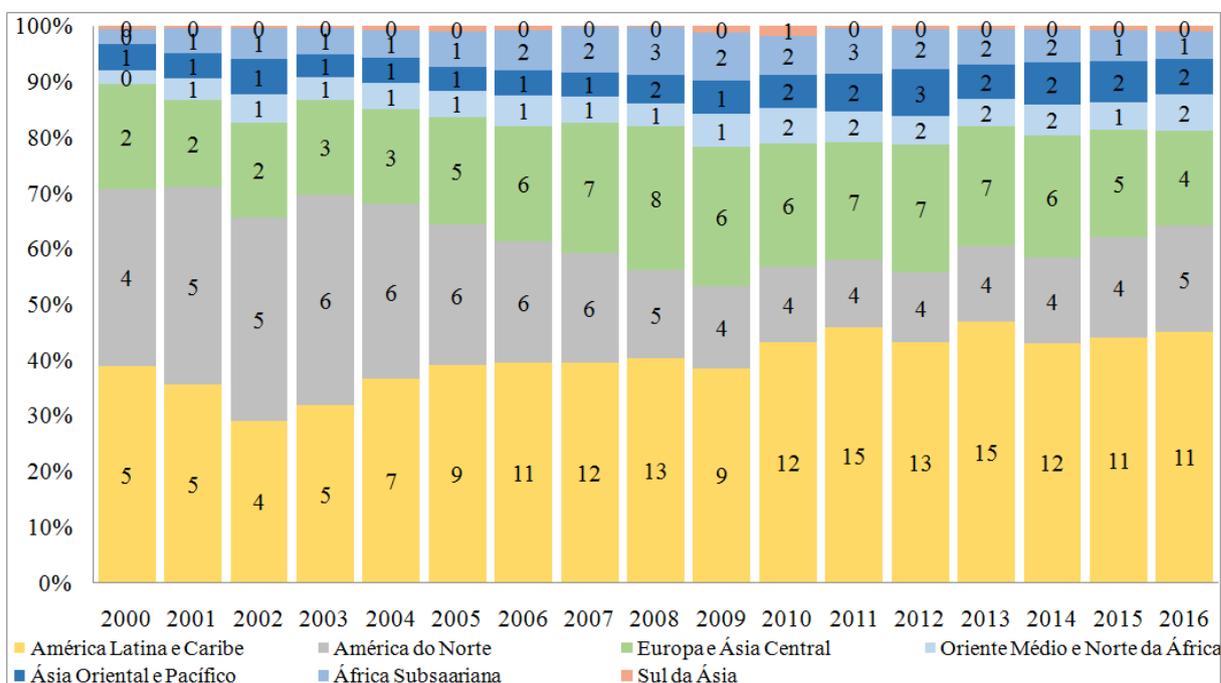
Quando se analisa a evolução das exportações de bens de capital por país (gráfico 12), os principais consumidores são Estados Unidos, Argentina, Holanda, Singapura, México e China. Em 2000, a maior parte das exportações é destinada aos Estados Unidos (62,5%; US\$5 bilhões). Ao final de 2016, os Estados Unidos ainda continuam sendo o país que mais compra bens de capital brasileiros, porém sua participação é de 40% (US\$8 bilhões). Isso porque, ao longo do período, entram novos parceiros comerciais, quais sejam, a China (5%), Singapura (10%) e Holanda (10%).

#### 4.9 Bens de consumo brasileiros

Assim como os bens de capital, os bens de consumo brasileiros também não são os produtos mais atraentes no mercado internacional. Apesar do aumento no seu valor exportado, este tipo de produto não consegue acompanhar o crescimento dos outros grupos de produtos.

De acordo com o gráfico 13, a maior parte dos bens de consumo brasileiros é destinada à América Latina e Caribe (42% em 2000 e 44% em 2016).

Gráfico 13 - Exportação de bens de consumo por grupo de região (US\$ bilhões; %)

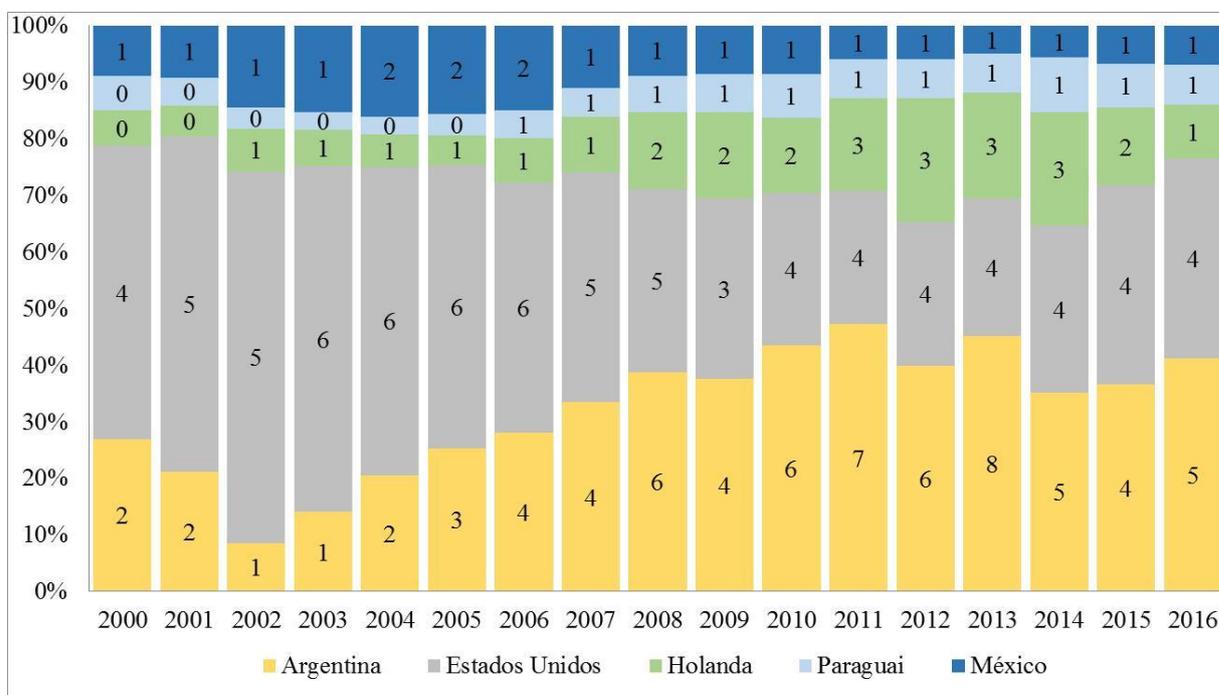


Fonte: World Bank Group (2019). Elaborado pelos autores.

Quando se analisa o destino dos bens de consumo por país, os principais consumidores são Argentina, Estados Unidos, Holanda, Paraguai e México (gráfico 14). Em 2000, a maior parte

das exportações de bens de consumo é destinada aos Estados Unidos (57%; US\$4 bilhões). Em 2016, a maior parte dos bens de consumo é destinada à Argentina (42%; US\$5 bilhões). No período, o Paraguai (8%) e a Holanda (8%) começam a comprar os bens de consumo brasileiros.

Gráfico 14 - Exportação de bens de consumo por principais países (US\$ bilhões; %)



Fonte: World Bank Group (2019). Elaborado pelos autores.

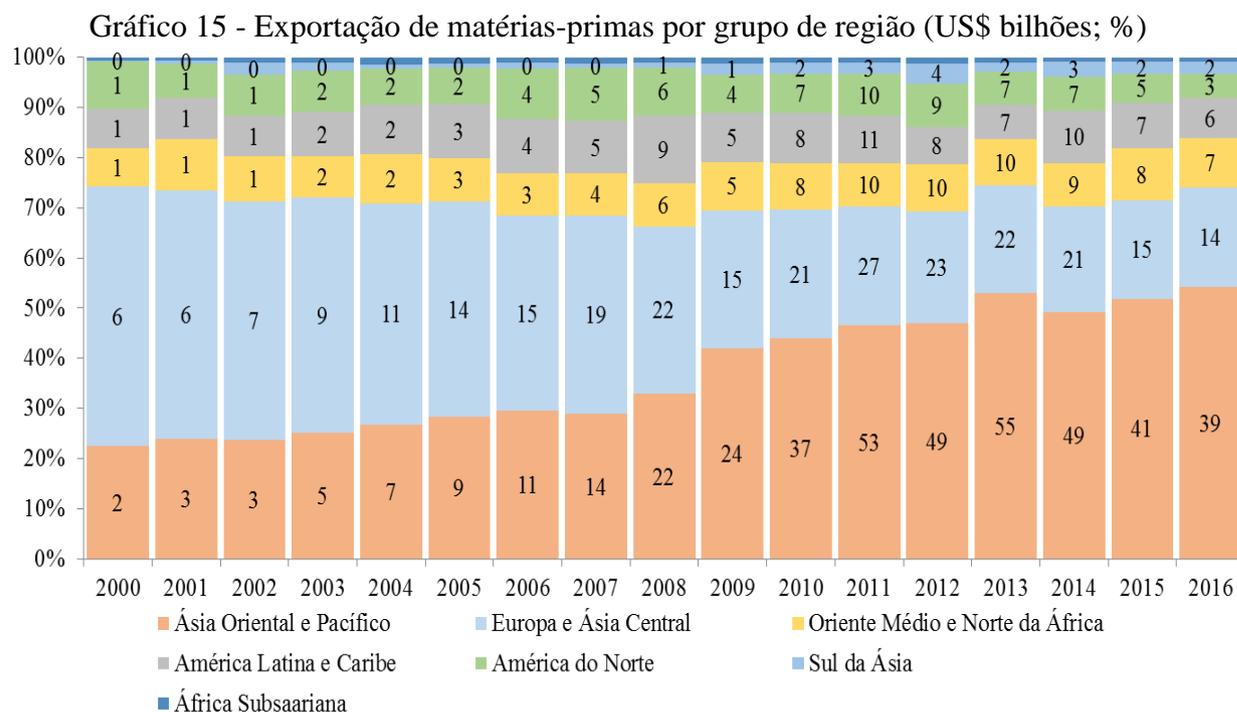
#### 4.10 Matérias-primas brasileiras

As matérias-primas são as que mais contribuem para o aumento das exportações no período de 2000 a 2016, apresentando um crescimento de 564% (gráfico 7). Em 2000 (gráfico 15), a maior parte das matérias-primas foi destinada à Europa e Ásia Central (55%; US\$6 bilhões). Ao longo do período, o comércio com outras regiões do mundo se intensifica, mudando essa composição. Em 2016, a Ásia Oriental e Pacífico passam a receber a maior parte das matérias-primas exportadas pelo Brasil (55%; US\$39 bilhões). Assim, é possível afirmar que o aumento da demanda das matérias-primas brasileiras na região da Ásia Oriental e Pacífico é um dos maiores motivos que cria o gap entre as matérias-primas e os outros grupos de bens exportados do Brasil.

O gráfico 16 apresenta os cinco maiores destinos das exportações de matérias-primas brasileiras: China, Estados Unidos, Japão, Holanda e Alemanha. Neste portfólio, destaca-se o aumento excepcional da participação chinesa. Em 2000, a China representa 20% das exportações de matérias-primas e em 2016 passa a 74%. Em valores monetários, há um crescimento de 2700% (de US\$1 bilhão para US\$28 bilhões) no período. Esse crescimento é devido à economia chinesa, que apresenta um crescimento médio anual do PIB de 9,48% no período de 2000 a 2016. (WORLD BANK GROUP, 2019).

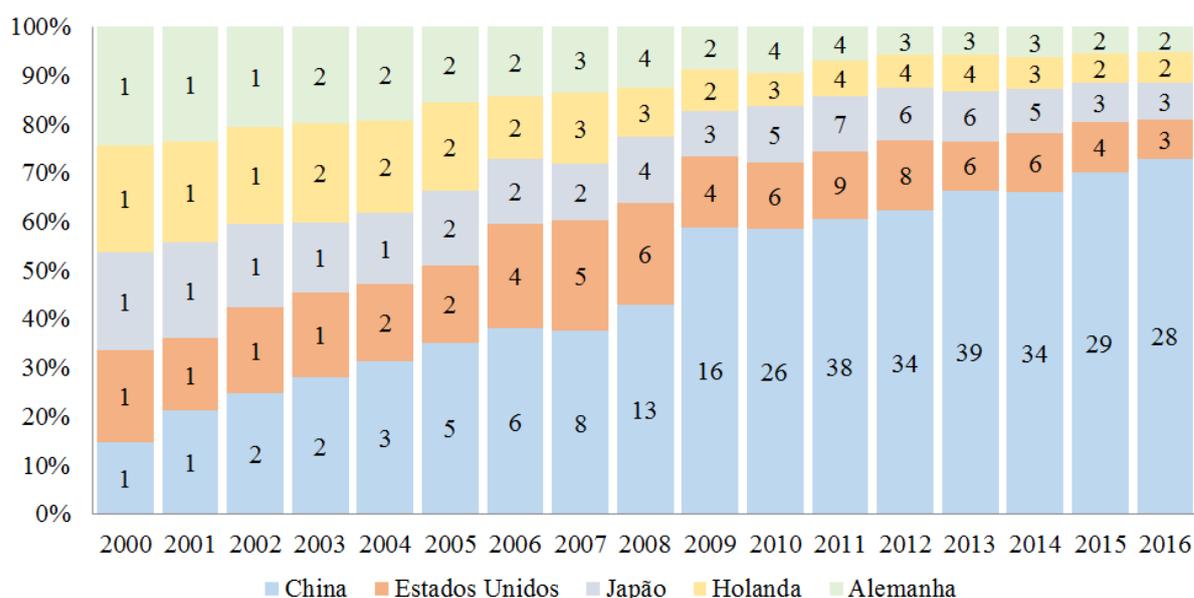
Também é possível analisar a evolução dos índices de preço e quantidade das matérias-primas. A tabela 4 informa que o valor exportado de matérias-primas cresce quase que continuamente,

atingindo o índice máximo de 1.065 em 2011; fecha 2016 com um índice de 675. O índice de preço atinge seu ápice em 2011 (302), fechando 2016 com 187. O índice de quantidade atinge o máximo em 2015 (497), fechando 2016 com 360. A média de crescimento anual do índice de preço é de 3,8% e a média de crescimento anual do índice de quantidade é de 7,8%. A conclusão é de que o crescimento do valor das exportações foi mais influenciado pela quantidade do que pelo preço.



Fonte: World Bank Group (2019). Elaborado pelos autores.

**Gráfico 16 - Principais parceiros de matérias-primas (US\$ bilhões; %)**



Fonte: World Bank Group (2019). Elaborado pelos autores.

Tabela 4 – Índice de valor, índice de quantidade e índice de preço das matérias-primas brasileiras (Base 2000 = 100)

Ano	Índice de Valor	Índice de Preço	Índice de Quantidade
2000	100	100	100
2001	122	81	150
2002	135	103	132
2003	171	113	151
2004	233	134	174
2005	293	174	169
2006	348	198	176
2007	444	257	173
2008	626	161	388
2009	523	231	226
2010	781	287	273
2011	1.065	302	353
2012	973	299	326
2013	971	302	322
2014	935	215	436
2015	740	149	497
2016	675	187	360

Fonte: Barrientos e Soria (2019). *World Bank Group* (2019). Elaborado pelos autores.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho é analisar as mudanças ocorridas na composição das exportações brasileiras no período de 2000 a 2016. O Brasil consegue ganhar espaço no mercado internacional, aumentando suas exportações de US\$55 bilhões em 2000 para US\$185 bilhões em 2016 (236%), com crescimento médio anual de 7,4% em valor. Neste período, somente dois anos mostram déficit na balança comercial, 2000 e 2014. Apesar do crescimento, as exportações brasileiras apresentam participação média em torno de 0,97% de tudo que se exporta pelo mundo.

O Brasil se mostra uma economia extremamente fechada, ocupando a 214ª posição mundial na participação das exportações no PIB (10,2% em 2000 e 12,5% em 2016). A falta de abertura da economia brasileira aumenta o custo de oportunidade, não permitindo vantagens comparativas e não estimulando o incremento das exportações.

No período estudado, houve um aumento do número de parceiros de 198 em 2000 para 220 em 2016, correspondendo à entrada de 22 novos importadores, o que representa um aumento de 11%. Apesar da expansão do número de parceiros, 49% (2016) das exportações estão concentradas em seis países: China, Estados Unidos, Argentina, Holanda, Alemanha e Japão.

A variação das exportações brasileiras é decorrente, basicamente, da flutuação da quantidade. Utilizando como base o ano 2000, enquanto o índice de preço atinge 155 em 2016, o índice de quantidade atinge 216. Esses dados confirmam que o aumento das exportações foi alavancado mais pela quantidade do que pelo preço.

Apesar das mudanças na quantidade e nos valores exportados, não há mudanças quanto à diversidade de produtos, uma vez que a maior parte do que se exporta continua sendo os mesmos produtos que em 2000. Em 2000 são exportados 4.264 produtos, sendo os principais ligados a transportes (15%), máquinas e eletrônicos (13%), produtos alimentícios (11%) e metais (11%). Em 2016 são exportados 4.068 produtos, representando uma queda de 196 produtos (-4,6%) relativamente à 2000, concentrando-se em vegetais (17%), produtos alimentícios (13%), transportes (11%) e minerais (9%).

Em relação à composição por região, nota-se um aumento expressivo da demanda na Ásia Oriental e Pacífico, passando para o primeiro colocado em 2016. Isso é causado, principalmente, pela demanda da China, que passa a responder por 19% das exportações em 2016. A China demonstra clara preferência pelas matérias-primas. Em 2016, do total de US\$36 bilhões de matérias-primas exportadas pelo Brasil, US\$28 bilhões são destinadas à China (78%), representando um crescimento de 2700% em valor no período. Esse crescimento é devido ao crescimento médio anual do PIB chinês de 9,48%.

Apesar de as matérias-primas começarem como um grupo de menor participação nas exportações brasileiras (20% em 2000), no decorrer dos anos, as matérias-primas passam a ocupar a liderança na carteira (40% em 2016). Neste período, as exportações de matérias-primas aumentam em 564%. O aumento do valor exportado é influenciado mais pela quantidade do que pelo preço das matérias-primas.

Nas exportações de bens intermediários, a Europa e a Ásia Central recebem a maior parte exportada pelo Brasil (29%). Os principais países que importam bens intermediários brasileiros são: Estados Unidos, China, Holanda, Argentina e Índia.

Os Estados Unidos lideram a importação de bens de capital (40%). Ao longo do período estudado, a China (5%), Singapura (10%) e Holanda (10%) começam também a importar os produtos brasileiros.

Assim como os bens de capital, os bens de consumo também não são os produtos mais atraentes no mercado internacional. Apesar do aumento do valor exportado, esses produtos não conseguem acompanhar a taxa de crescimento das matérias-primas e dos bens intermediários. A maior parte dos bens de consumo exportada pelo Brasil se destina à América Latina e Caribe (42% em 2000 e 44% em 2016). Os principais países que contribuem para as exportações são: Argentina, Estados Unidos, Holanda, Paraguai e México. Em 2016, a Argentina é responsável por 42% do que é exportado de bens de consumo.

Nesse contexto, as políticas de apoio às exportações ganham importância pelo fato de que as exportações brasileiras apresentam aumentos significativos ao longo dos 17 anos analisados, mudando sua composição de acordo com a mudança das economias emergentes. Entretanto, esses esforços não são suficientes para mudar a participação das exportações brasileiras no mercado mundial.

Como trabalhos futuros, sugere-se direcionar as pesquisas para a identificação dos fatores responsáveis pela elevada taxa de evasão do mercado internacional, fator esse que impede a evolução contínua do valor total exportado.

## REFERÊNCIAS

BALASSA, B.. **Trade liberalization and “Revealed” comparative advantage**. Manchester: The Manchester School Of Economic And Social Studies, 1965.

BARRIENTOS, Miguel; SORIA, Claudia. **Index Mundi**. 2019. Disponível em: <<https://www.indexmundi.com/>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

BOVOLENTA, Amanda Gonçalves. **Avaliando o instrumento de drawback e a performance exportadora dos Estados brasileiros: uma abordagem a partir do Índice de Complexidade Econômica (ICE)**. 2018. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Economia, Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília, 2018.

CANUTO, Otaviano; FLEISCHHAKER, Cornelius; SCHELLEKENS, Philip. O curioso caso da falta de abertura do Brasil ao comércio. **RBCE - A Revista da Funcex**, no. 122, p.19-25, mar. 2015.

HABERLER, Gottfried Von. **The theory of international trade with its applications to commercial policy**. London: William Hodge & Co., 1936.

HAUSMANN, R.; HIDALGO, C.. **The Atlas of Economic Complexity**. Cambridge: Puritan Press, 2011.

HIDALGO, A. B.. Especialização e competitividade do Nordeste no mercado internacional. *Revista Econômica do Nordeste*. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 29, p.491-515, jul. 1998.

KRUGMAN, P.. **Rethinking International Trade**. Cambridge: Mit Press, 1990.

PAIS, Paloma Santana Moreira; GOMES, Marília Fernandes Maciel; CORONEL, Daniel Arruda. A análise da competitividade das exportações brasileiras de minério de ferro, de 2000 a 2008. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 13, n. 4, p.121-145, ago. 2012. Disponível em: <[file:///C:/Users/Silvia/Documents/Silvia/Artigos/Exportação\\_Rubens/Artigo%202a%20versão/Textos/a06.pdf](file:///C:/Users/Silvia/Documents/Silvia/Artigos/Exportação_Rubens/Artigo%202a%20versão/Textos/a06.pdf)>. Acesso em: 27 ago. 2019.

PORTER, M. E.. **The competitive of nations advantage of nations**. Harvard: The Harvard Business Review Book Series, 1998.

RATTI, Bruno. **Comércio internacional e câmbio**. São Paulo: Edições Aduaneiras, 2006. 496 p.

RICARDO, David. **The principles of political economy and taxation**. New York: The Modern Library, 1963.

SILVA, Tadeu Silvestre da. Notas sobre a economia ricardiana. **Pensamento & Realidade**, São Paulo, n. 13, p.15-42, 2003.

SMITH, Adam. **The wealth of nations**. New York: The Modern Library, 1937. 1231 p.

THE WORLD BANK (Estados Unidos) (Org.). **Exports of goods and services (% of GDP)**. 2019. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/NE.EXP.GNFS.ZS>>. Acesso em: 23 maio 2019.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas Editora, 2016. 104 p.

WORLD BANK GROUP (Estados Unidos) (Org.). **World Integrated Trade Solution (WITS)**. 2019. Disponível em: <<https://wits.worldbank.org/Default.aspx?lang=en>>. Acesso em: 24 maio 2019.